

3

Tateando o campo pela *primeira vez*

Mesmo os melhores pesquisadores eventualmente mudam o foco inicial de uma pesquisa. Este foi o caso, por exemplo, da dupla Mihaly Csikszentmihalyi e Eugene Rochberg-Halton, na investigação sobre a relação de afeto das pessoas pelos artefatos domésticos descrita no famoso livro *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Foi também o caso deste estudo, tal como passaremos a relatar.

Csikszentmihalyi (1995) revela que, inicialmente, o foco de sua pesquisa era a idéia — segundo o autor, bastante recorrente desde Aristóteles — de que a arte “ajuda a trazer ordem para a experiência humana”. Ele conta que foi a campo, com seus alunos, para entrevistar famílias na região de Chicago, perguntando “que tipo de objetos de ‘arte’ eles tinham em suas casas; com que frequência eles observavam tais objetos; e o que tinham em suas mentes quando respondiam” (p. 118).

No decorrer das entrevistas, os pesquisadores perceberam algumas dificuldades, como o fato de que as pessoas tinham muito pouco a dizer, respondiam com clichês e falas impessoais. Evidenciou-se para os pesquisadores que a arte parecia ter um papel insignificante nas vidas de seus entrevistados. Embora a maioria dos entrevistados tivesse em seus lares pinturas e esculturas originais, o autor explica que tais obras de arte tinham pouca importância para o sentido de bem-estar psicológico ou espiritual daquele universo de pessoas.

A grande maioria dos objetos de arte que as pessoas citavam como *especiais* eram trabalhos feitos em casa — frequentemente por crianças, parentes ou amigos. O valor desses objetos era mensurado na medida em que faziam lembrar laços pessoais importantes e as pessoas que os fizeram. Em alguns exemplos, um quadro era estimado por alguém porque, ao vê-lo, seu proprietário lembrava-se de um lugar ou de uma ocasião particular, como, por exemplo, do quintal da casa da avó ou da praia em que passou a lua de mel.

Csikszentmihalyi (1995) acredita que o que torna um objeto especial para alguém não é só a sua qualidade formal, mas o que a pessoa faz com ele, as situações das quais o trabalho participou, as circunstâncias em que foi adquirido e o que tudo isso significou para quem o possui.

Csikszentmihalyi (1995) relata que nas casas de seus entrevistados havia muitos artefatos aos quais os proprietários eram fortemente ligados, tais como uma estatueta de plástico da Vênus de Milo, uma Bíblia velha, uma mesa construída por seu proprietário, um aparelho de som, a navalha do falecido marido (guardada pela viúva), o trombone — guardado no porão — que o advogado de sucesso tocava no tempo de colégio. O autor relata, ainda, que esses objetos não possuíam qualquer valor formal observável, porém eram carregados de significados que conferiam à vida de seus proprietários um sentido de integridade e propósito.¹

O autor concluiu que estes objetos conferiam sentido à vida das pessoas. Em outras palavras, cada casa tinha uma rede de objetos que “ajudavam a trazer ordem para a experiência humana” (Csikszentmihalyi, 1995, 118), mas tais objetos não eram necessariamente obras de arte, como julgara o autor ao definir inicialmente o foco de sua pesquisa.

A partir dessa constatação, Csikszentmihalyi (1995) mudou de tática. Ao invés de perguntar a seus entrevistados sobre objetos de arte, passou a perguntar-lhes que objetos eram especiais para cada um, e por quê.

A exemplo da mudança de foco da questão de Csikszentmihalyi (1995), apresento a seguir como se deu a mudança de foco desta pesquisa.

3.1.

As primeiras perguntas e conversas

O foco inicial desta pesquisa foi a idéia de que a relação afetiva das pessoas com seus objetos pode estender a vida útil dos produtos, retardar seu descarte e sua substituição.

Minhas primeiras perguntas eram: O que leva as pessoas a trocar um objeto estimado por um novo? Que sentimentos as pessoas guardam e trazem de sua

¹ Tradução livre da autora.

experiência de uso com objetos estimados, como, por exemplo, aqueles usados pela primeira vez? Por que objetos estimados são jogados no lixo, abandonados, trocados, doados? Que sentimentos estão envolvidos na experiência de usar algo novo?

Como ponto de partida, elegi conversar com pessoas de variadas idades e segmentos sociais sobre suas experiências de *uso de algo novo* e sobre suas experiências de *uso de algo pela primeira vez*. Ambas me pareciam *experiências significativas de uso* e poderiam render dados importantes para este trabalho.

O contexto destas conversas foi marcado por minha condição de *estrangeira* — como já disse, sou gaúcha e deixei o Rio Grande do Sul com o propósito de cursar o mestrado. Nos primeiros tempos, à medida que conhecia algumas pessoas, eu também comentava com elas o motivo da minha mudança. E, inevitavelmente, falava deste estudo e contava aos novos conhecidos que meu tema era a relação afetiva das pessoas com os objetos novos e com os objetos que foram usados por elas pela primeira vez.

Meus novos amigos e colegas quase sempre tinham uma experiência para me contar a esse respeito e minha escuta não deixava escapar nenhuma história.

E foi assim que começaram minhas entrevistas: sem prever, sem preparar, sem escolher o local, mas aproveitando o interesse das pessoas pelo tema, direcionando a conversa para minhas questões e recebendo informações preciosas, espontaneamente.

Nessas conversas, e no primeiro contato com o campo de pesquisa, fui focando meu olhar, levantando minhas primeiras informações e percebendo a existência de *categorias de novo*.

3.2.

Primeiras informações: categorias do novo

Os relatos iniciais não apresentavam apenas o novo como o objeto retirado de uma caixa, ou aquele cujo lacre foi rompido pelo dono, ou ainda, aquele objeto que sai direto da loja para a casa de seu proprietário. Quando os entrevistados contavam sobre suas experiências de ter usado algo novo, este *novo* era adjetivado e, muitas vezes, explicado.

Isto me fez perceber o *novo* sob outros pontos de vista e entendê-lo numa dimensão mais ampla: há o objeto novo que a pessoa não possui, deseja e pode vir a ter, como há o objeto novo que a pessoa não possui, deseja e não pode ter. Há, também, o novo *que sequer* foi retirado da embalagem, e o novo *que recém* saiu da embalagem.

A fala de meus entrevistados contribuiu para a identificação e a organização de algumas *categorias do novo*, como apresento a seguir.

3.2.1.

O novo em folha

Novos em folha são os objetos que ainda não foram tocados, exceto por quem os fabricou e embalou. Eles estão na prateleira, no depósito da loja; são aqueles que ainda estão na caixa, lacrados, que têm *cheirinho de novo*. Como exemplo, podemos citar o carro zero quilômetro — o que pode ser mais novo?

A categoria *novo em folha* está evidenciada pelo fato de, ao comprarmos alguma coisa, dificilmente quereremos o que está exposto e solicitamos ao vendedor o mesmo produto, mas outro objeto — que esteja embalado, na caixa e com todos os indícios de não ter sido usado, e, de preferência, sequer tocado ou mexido.

A categoria também pode ser ilustrada pelos relatos a seguir.

Romeu, médico recém-formado, já tivera vários carros, mas nunca um zero quilômetro. Ele recorda detalhes do seu carro *novo em folha*, gesticulando muito e cheirando o ar:

Estacionei o carro na garagem e fiquei olhando, cheirando o carro, cheirinho de novo... (...) Eu nunca tinha tido essa fase de cheiro de novo. Porque o meu primeiro carro já tinha sido da minha mãe, entendeu? É uma coisa bem agradável: cheiro de novo. Eu ficava olhando assim... pô, tem o cheiro de novo... É novo mesmo!

Cabe ressaltar que na Europa o cheiro de carro novo não é percebido da mesma forma que no Brasil. Os usuários europeus associam o cheiro do carro novo a materiais voláteis usados nos componentes do interior do carro e ao fato de que esses podem fazer mal à saúde. No Brasil, por outro lado, o cheiro é

considerado “uma coisa bem agradável” a ponto de já estar sendo comercializado como aromatizador.

A mãe de uma amiga contou sobre a troca de seu fogão velho por um *novo em folha*, e, à medida que falava, parecia desembalar o fogão novamente:

(...) Estava muito podre. Você precisa ver meu fogão novo! Chegou ontem! Nem acreditei quando ele chegou lá em casa, de caminhão. Veio todo embrulhado, cheio de plástico-bolha e isopor, o que as crianças se divertiram! Como ele funciona bem! Como o fogo sai forte! Como está todo lisinho, sem nenhum arranhão. Aaaaah... Mudou até o gosto do feijão!

Entusiasmada, Bianca descreveu os detalhes da compra de uma nova televisão.

Lembro quando fomos na loja comprar a nova televisão de tela plana. Foi O Acontecimento! Na época era lançamento, chegamos em casa, todos, e quando abrimos a caixa, o plástico que envolvia a televisão já estava aberto. Noooooossa! Não tivemos dúvida, logo a colocamos no carro, voltamos na loja e pedimos para trocar por outra novinha, com o plástico fechado. Não queríamos uma televisão que alguém já tivesse usado.

3.2.2.

O novo que parece novo

Esta é outra categoria citada pelos entrevistados. Ela compreende objetos considerados *em ótimo estado de conservação*, que funcionam bem, que foram bem cuidados pelo dono anterior, cujas peças são originais. Também podemos incluir nesta categoria aqueles objetos que chamamos de *semi-novos* ou *quase novos*.

No decorrer da conversa com Romeu, ele falou sobre outro carro, o carro que pretendia ter e mostrou-me com seu relato um exemplo do *novo que parece novo*, como ilustra a passagem a seguir:

Passei numa concessionária e olhei pro lado assim, por acaso, e vi o carro que eu queria. Um Astra, modelo esporte, vermelho. (...) quando entrei naquele carro... era o carro que eu queria! Um carro 2002, com tudo! Tinha tudo! E parecia zero, porque era de um major do exército, com baixa quilometragem. Não tinha 20 mil quilômetros. Me apaixonei pelo carro.

Outro relato que ilustra esta categoria é o de Duda sobre a compra do seu carro novo:

Comprei um Focus. Novinho, novinho. Tem só 30 mil quilômetros. 2005. Lindo! O carro tá até com cheiro de novo! Agora vou equipá-lo! Vou colocar rodas, farolete e película nos vidros!

Esta categoria também é ilustrada pela história de Mauro, amigo de uma colega de mestrado:

Meu tio foi viajar e queria vender a televisão. Tinha só um ano de uso, tava novinha ainda. Minha mãe não teve dúvida, foi lá e comprou. Serviu direitinho no quarto dela e parecia novinha ainda.

3.2.3.

O novo para mim

Michele — uma amiga de Santa Maria, município riograndense — contou-me ao telefone que havia comprado um apartamento novo num prédio construído há cinco anos. Dizia-me ela: “*Cris, quando tu vais conhecer minha casa nova?*” Entendi que a casa era *nova para ela* e, também, percebi ali a existência da categoria *novo para mim*.

Desta categoria fazem parte os objetos que, mesmo tendo sido usados por outras pessoas anteriormente, são novos para quem os está adquirindo ou passou a usá-los, independentemente do seu estado de conservação.

Para ilustrar o *novo para mim*, apresentarei um relato espontâneo que ouvi de uma passageira de ônibus, que, ao celular, contava para alguém sobre seu presente *novo*:

Agora eu tô chique. Ganhei o celular velho da minha filha, mas ela trocou a capa e os botões e ele ficou novinho. Adorei. Nunca eu tinha tido um celular, nem sei usar direito ainda. Ela já me ensinou um monte de coisa, mas eu só sei ligar e desligar.

Outro relato que ilustra bem esta categoria é o de Vera, que, ao contar o que lhe aconteceu, apertava os olhos como quem quer enxergar e não consegue.

Eu ficava apertando os olhos pra ler a pauta toda vez que tínhamos reunião no Departamento. Um dia, Rita me emprestou os óculos dela. Foi uma revelação. Descobri que estava com a vista cansada e precisava usar óculos. Rita, que tinha

uns cinco iguais, me deu aquele de presente. Aquele óculos foi uma novidade para mim. Primeiro porque facilitou minha vida de leitora. Depois, porque inaugurou uma fase de minha vida...

Fazem parte da categoria *novo para mim* também objetos bem conservados ou não que substituíram aqueles anteriormente usados por seus usuários.

O relato de Eduardo sobre seu carro ilustra bem esta categoria:

Vou te contar a história do meu carro novo! Quer dizer... do carro que eu acabei de trocar. Pra mim ele é novo. Não é nenhuma Brastemp, mas perto do que eu tinha antes, tá louco de bom!

O *novo para mim* foi reforçado pelo relato de Lícia, minha colega de mestrado:

Comprei um carro novo. Novo, novo, não. Ele era do pai do André, meu marido. Mas pra mim é novo. A gente tava querendo trocar o nosso, porque ele já estava dando muito problema. Era um carro velho, tinha nove anos. E os pais do André tinham esse carro, mas não queriam vender pra qualquer pessoa. Então meu cunhado conseguiu convencê-los de vender dizendo que ficaria na família.

3.2.4.

O novo moderno

Nesta categoria estão compreendidos os objetos que ainda não existiam — as novidades, os lançamentos, os produtos de última geração e aqueles que sofreram alterações tecnológicas, de visual, de aumento de potência ou capacidade, diminuição de tamanho, enfim, alguma alteração que lhes tenha sido feita para melhorá-los.

Entre os *novos modernos* podemos citar os IPOD's, os MP3 Player, as televisões de plasma e LCD, os monitores de computador de LCD e o iPhone, entre outros.

Aline referiu-se claramente a esta categoria ao contar-me sobre o celular que ela tanto queria e que recebeu como presente de formatura:

Quando eu me formei, meu pai queria me dar um anel de formatura. Eu disse que um anel ficaria guardado, porque eu não uso anel. Ele perguntou se eu queria outra coisa e eu disse que queria um celular novo, mais moderno, daqueles pequenininhos, de abrir... O meu era daqueles tijolões e com antena.

Outro depoimento que pode ilustrar a categoria de *novo moderno* é o de Pedro, que demonstra visivelmente sua paixão por inovações:

Adoro coisas novas! Adoro novidades tecnológicas! Minha TV nova de LCD é modernoza, bonitona, LCD! Trinta e duas polegadas... Comprei também um DVD novo com tecnologia HDMI. Diz que tem até ouro dentro do cabo! (...) Eu olho os celulares legais, mas vou esperar pra comprar um iPhone quando eu puder.

3.3.

A primeira entrevista

A primeira entrevista foi feita em minha casa, durante uma feijoada, para a qual, além da amiga que morava comigo, Aline (psicóloga, gaúcha), convidei meu primo Romeu e a namorada Alexandra, ambos médicos recém-formados e gaúchos, que estavam em férias no Rio de Janeiro. Assim que eles chegaram, fui logo adiantando que a finalidade do encontro não era exclusivamente degustarmos uma feijoada: eu iria entrevistá-los para a minha pesquisa de mestrado. Curiosos, eles quiseram saber mais sobre meu estudo, sobre o tema etc., e após uma breve conversa, na qual eu os informei sobre meus objetivos, pedi que falassem sobre a experiência de terem usado *algo novo* e a de terem usado *algo pela primeira vez*.

E Romeu foi falando:

Lembro bem do meu primeiro computador. Mas o que eu tenho hoje é mais importante. É o que eu sempre quis, é um laptop, é de uma marca boa, tem todos os recursos que eu sempre quis.

Diante do pedido para falar sobre duas experiências de uso — a de algo novo e a de algo pela primeira vez —, o entrevistado escolheu o mesmo objeto: o computador. A partir desta escolha, ele comentou rapidamente sobre a experiência de uso do primeiro computador, e deteve-se mais no relato da experiência de uso do novo computador. Ele optou, portanto, por falar mais de uma experiência do que das duas igualmente. Alexandra, por sua vez, escolheu o objeto celular:

Meu primeiro celular, eu ganhei do meu pai, de aniversário. Foi quando eu tinha entrado na faculdade. (...) Foi uma mudança na minha vida quando eu passei a ter celular. Já meu celular novo, fui eu que comprei. Não teve tanta importância porque não foi um modelo mais moderno, mais bonito, nada disso,

foi um modelo assim que satisfazia minhas necessidades. (...) O primeiro celular foi um presente. (...) Diferente desse novo que todo mundo tem.

A segunda pessoa entrevistada igualmente escolheu falar sobre um único objeto — agora, sobre o aparelho celular — para responder às duas questões apresentadas e deteve-se mais no relato da experiência de uso do primeiro celular. Mas, neste caso, houve também uma comparação: Alexandra falou sobre o primeiro celular, comparou-o ao novo e afirmou que este não foi tão importante quanto o primeiro. Depois voltou a falar sobre o novo.

Neste momento, percebi que ao solicitar que falassem sobre as duas experiências — a de ter usado algo novo e a de ter usado algo pela primeira vez —, eu estava deixando uma abertura e permitindo que meus entrevistados fizessem algumas escolhas: 1. quanto ao objeto (o mesmo objeto nos dois casos); 2. quanto a tomar este objeto como foco das duas experiências — a *de uso do primeiro* e a *de uso do novo* —, e 3. quanto a falar mais de uma experiência, a mais significativa, deixando a outra em segundo plano. Ao contrário do que eu imaginava, meus entrevistados não se concentraram na experiência de uso, e, sim, no objeto em si. Em outras palavras, eles não falavam *sobre a experiência* de usar algo pela primeira vez e sobre a de usar algo novo: se mencionavam o objeto *computador* para exemplificar a experiência de uso do primeiro, tomavam o mesmo objeto para falar sobre a experiência de uso de algo novo.

A interpretação dos entrevistados de que deveriam escolher o mesmo objeto para falar de suas experiências ficou clara na pergunta de Alexandra, tão logo lhe perguntei sobre uma experiência de uso de algo novo e uma experiência de uso de algo pela primeira vez, ela disse: “*Mas tu queres que eu fale do novo que eu tenho ou do primeiro que eu usei?*”

Resolvi fazer uma pergunta de cada vez.

3.4.

Agora apenas sobre o primeiro

Como percebi existirem diferentes categorias de *novo* e o fato de que a fala das pessoas era mais carregada de entusiasmo, espontaneidade e interesse sobre as coisas que haviam usado pela primeira vez, decidi definir para um mesmo grupo a ser entrevistado dias diferentes para abordar cada questão; assim, numa das

entrevistas perguntei sobre as experiências de uso do primeiro e em outro momento perguntaria sobre as experiências de uso do novo.

Desenhei, então, um novo modelo de entrevista, no qual, no encontro inicial, perguntaria a meus entrevistados sobre suas *experiências de uso de algo pela primeira vez*. A entrevista em grupo aconteceu no segundo semestre de 2005, durante a aula da professora Vera Damazio, com alunos de graduação matriculados na disciplina Comunicação Visual III, do Curso de Design da PUC-Rio.

Fui para a aula equipada com gravador, caneta, papel e muita curiosidade. Pedi aos alunos que fizessem um círculo com as cadeiras para facilitar o meu deslocamento com o gravador. Informei sobre o tema da minha pesquisa — a relação afetiva das pessoas com os objetos — e expliquei que estava entrevistando pessoas para coletar experiências de uso de algo primeira vez. Em seguida, dei início a uma sessão de depoimentos.

Os alunos estavam descontraídos e começaram logo a falar. Elaine foi a primeira:

A minha primeira experiência com absorvente. Foi terrível. A primeira vez que eu usei um absorvente, eu cheguei na sala de aula, no colégio, e eu achava que tava todo mundo olhando pra minha cara e falando: ih, a Elaine tá usando absorvente. (...) Fiquei muito envergonhada, muito tímida. (...) parecia que tinha um tijolo, me atrapalhava a andar. E eu tinha 14 anos, foi há 14 anos atrás e os absorventes não eram como são hoje: fininhos. Eram coisas grossas, horríveis, deixava a gente totalmente desconfortável, com impressão que todo mundo sabia que você tava menstruada naquele dia.

Alice concordou com sua colega:

Comigo aconteceu parecido. A primeira vez que eu usei O.B. eu queria porque queria ir pra praia com minhas amigas (...) coloquei o O.B. e fui pra praia... desmaiei na praia. (...) Foi o maior mico da minha vida, a praia inteira soube que eu tava de O.B. Era uma coisa nova que eu tava usando... desmaiei, foi péssimo, fiquei traumatizada.

A experiência relatada por Elaine suscitou o relato de outra semelhante, e este, por sua vez, outro, agora sobre uma experiência afim, mas não-traumática como a de Juliana:

No meu caso, o uso do absorvente foi exatamente o oposto, porque eu fiquei muito feliz, fui a última das minhas amigas a usar, então, como elas ficaram envergonhadas eu fiquei orgulhosa, gostando, falando... Totalmente o oposto do delas.

Passsei a refletir sobre o desconforto físico, a vergonha, a insegurança que a maioria das meninas na idade da primeira menstruação sente. Comigo não foi diferente — quando usei absorvente pela primeira vez foi muito *esquisito*: aquele produto não havia sido desenhado para mim, para o meu tamanho, para o tamanho de uma menina. Passei a refletir também sobre o descuidado design dos absorventes no passado, quando eles eram grandes e muito desconfortáveis. Percebo que naquela época, há 23 anos, o absorvente não era projetado para o primeiro uso; e me pergunto se, caso fosse homem a pessoa que o desenhou, ele teria ao menos conversado com adolescentes e mulheres adultas para entender como seria ou deveria ser a forma de usar o absorvente. Hoje, o design dos absorventes parece ter evoluído, pois foi modificado: sua espessura e largura diminuíram, fazendo com que tenham a forma mais adaptável ao corpo da mulher.

Alguns depoimentos, como o de Gabriela, fizeram toda a turma rir:

Eu lembro a primeira vez que usei bicicleta sem rodinhas, quando eu tirei a rodinha... Assim: fiquei eufórica, comecei a andar pelo play, só que eu não podia mais parar porque se não eu caía. Fiquei rodando horas até tomar coragem pra pôr o pé no chão e parar.

Neste, ao contrário dos depoimentos anteriores, o sentimento presente era o de euforia, de vitória, de alegria, de superação, de conquista. O relato de Gabriela revela um marco em sua infância, quando o uso da bicicleta sem rodinhas inaugura um novo momento na vida da criança.

As lembranças de uso de algo pela primeira vez iam se revelando variadas, e apresentavam ora sentimentos negativos, ora positivos.

Durante a entrevista, Gabriela voltou a falar e a confirmar que alguns objetos participam ativamente dos processos de mudança de fases e também especificamente dos próprios rituais de passagem de uma fase para a outra. Além disso, despertam um sentimento muito importante, o de *estar crescendo, deixando de ser criança*:

Era 3ª série... Eu lembro quando a minha turma deixou de usar lápis pra usar caneta... o anúncio de que isso iria acontecer, sabe? Lembro muito

claramente de que a professora falou: comprem uma caneta. Ela mostrou a caneta, como se a gente não soubesse o que era uma caneta... e o tal do liquid paper (...) Eu lembro que foi assim... cada um querendo comprar uma caneta mais bonita que a outra, foi muito marcante... Como se fosse assim um... um ritual de passagem... Vocês cresceram então vão usar a caneta ao invés do lápis...

Assim como Gabriela, Elaine também teve uma mudança de fase marcada pela experiência de passar a usar caneta ao invés de lápis — e, apesar de parecer ter sido uma experiência não muito boa para ela, o sentimento evocado foi o mesmo de Gabriela, o de que *não sou mais criança*. Elaine descreveu gesticulando, imitando a professora, a pessoa que decidia quando os alunos estavam aptos a usar caneta.

Terceira série também, a mudança do lápis pra caneta, só que era meio torturante. Eu estudava num colégio de freira, era extremamente rigoroso o tratamento das professoras com os alunos... Era meio torturante porque era assim, a professora ia olhando os cadernos, conforme ela achava que a letra estava bonita, ela dizia: você já pode passar a usar caneta... Minha letra era linda, maravilhosa, toda redondinha, aquela letra de professora, sabe? (...) eu ficava com raiva porque nunca chegava a minha vez... Várias pessoas passaram na minha frente, a professora que decidia (...) Nossa, sua letra está linda! A partir de amanhã você pode trazer a caneta que você já pode usar... Eu senti um alívio, ai, parece que foi um ritual de passagem, eu também senti: nossa, acho que eu já não sou mais criança.

O termo *ritual de passagem* neste contexto nos convida a refletir sobre duas questões importantes das relações das pessoas com os objetos: a capacidade dos objetos de intermediar relações sociais ou sua “sociabilidade” (Damazio, 2005) e a idéia de que para passar para uma nova fase e usar novos objetos é preciso ter vivido uma fase anterior e usado coisas anteriormente.

Ritual de passagem não indica apenas o rompimento de uma velha fase de vida e sim o início de uma nova e de novos hábitos, novos atores e palcos sociais. Passar a escrever de caneta não significa que não usaremos mais o lápis, rompendo em definitivo a nossa relação com este objeto. Passamos a usar a caneta quando não cometemos mais tantos erros ao escrever e não usamos mais tanto a borracha; quando já temos mais segurança na escrita; quando já conhecemos e

sabemos desenhar todas as letras; etc. A caneta soma-se, portanto, ao uso do lápis e não o substitui.

Além de participar de um *ritual de passagem* e de ser mais um instrumento para a ação mecânica de escrever, a caneta passa a participar, também, de relações sociais do usuário com a professora, com seus colegas de sala de aula e com todas as demais pessoas que fazem parte do contexto da escola.

O início desta nova fase “de usar a caneta ao invés do lápis” é marcado ainda pela vivência, pela primeira vez, de um conjunto de outras experiências como: pegar o ônibus para ir para o colégio; ir na padaria comprar pão e conferir o troco; atravessar a rua e só quando o sinal estiver fechado. Essas ações são muitas vezes intermediadas por objetos que por sua vez, também, promovem relações sociais do usuário com o cobrador e o motorista do ônibus, com o padeiro e o atendente da padaria, com as pessoas que estão comprando pão, com o passageiro que está sentado ao lado e com todos os outros atores de palcos sociais de nossas experiências.

Os objetos que participam dos *rituais de passagem* marcam sim *novas fases* de vida. Nessas novas fases de vida, alguns objetos passam a ser usados lado a lado com outros que participavam das *velhas fases* de vida. Canetas marcam *nova fase* de vida e passam a conviver com lápis, assim como garfos e facas passam a conviver com colheres, sapato de salto alto com os sapatos sem saltos, carros com bicicletas sem rodinhas.

Nessas *novas fases* de vida, alguns objetos substituem e tomam o lugar de outros que participavam das *velhas fases* de vida. Bicicletas com rodinhas são substituídas por bicicletas sem rodinhas, fraldas por calcinhas e cuequinhas, mamadeiras por copinhos.

Nessas *novas fases* de vida, há também objetos inéditos, que não substituem os que participavam das fases anteriores. Óculos e bengalas passam a fazer parte do nosso cotidiano e das nossas relações sociais.

Ao relatar suas histórias, os alunos pareciam indicar o caminho para o recorte da minha pesquisa. A experiência do primeiro uso encantava-me cada vez mais, tal a variedade de sentimentos e objetos que participavam dessas experiências e emergiam da fala dos meus entrevistados.

O relato de Juliana traz um objeto diferente dos citados anteriormente e um sentimento igualmente distinto:

A primeira vez que eu usei óculos... Eu achei muito esquisito porque ficavam umas linhas junto com a minha visão, era muito estranho, não gostei. Aí me acostumei porque eu tinha que usar.

O sentimento de estranhamento ao usar um objeto pela primeira vez pode desencadear outros sentimentos, tais como medo e incapacidade. Vera falou sobre quando usou objetos automáticos que despertaram esse estranhamento:

A primeira vez que eu vi uma privada que a descarga puxava sozinha, vocês já usaram? Gente, é muito estranho, você levanta e faz xuuuuu. Esses objetos automáticos são muito estranhos, né?! Ah! Eu usei uma pia que não tinha onde abrir a torneira. Você fica procurando, cadê a torneira? Você tem que botar a mão assim e aí é que a água sai sozinha.

A experiência de Manuela foi marcante e, segundo ela, emocionante:

Eu tenho uma mais emocionante, assim: a primeira vez que eu usei o IMac que eu ganhei já faz muito tempo. (...) sempre teve PC lá em casa. Sempre que quebrava, o meu pai resolvia abrir o computador sozinho, e ele não sabe nada sobre computador. (...) sempre ficava pior, sempre ficava horrível. (...) Aí minha mãe prometeu que ia me dar um computador e ia ser um IMac, porque na época era moda, era aqueles coloridinhos, sabe? Que eram mais caros, mas todo mundo dizia que era ótimo. (...) A primeira vez que eu liguei e vi aquela interface, sabe? Eu pensei: cara, é isso que eu quero fazer da minha vida. Qualquer coisa relacionada a esse computador, eu nem sabia que faculdade eu ia fazer, eu não comecei com design, comecei com comunicação social, mas foi naquele momento que eu comecei a me interessar por fotografia, imagem, tudo.... A interface do computador Macintosh despertou esse interesse em mim... É tudo tão colorido, tão bom. (...) Naquele momento, eu me senti muito estimulada, muito motivada, porque aquele objeto... eu sabia que com ele eu poderia realizar várias coisas relacionadas ao que eu gosto, mexer com mouse, com texto... Foi muito emocionante. Desde então eu sou completamente apaixonada, muito apaixonada pela empresa.

Este relato revela ainda a confiança que Gabriela passou a ter num objeto que não a decepcionou, que não quebrava, que se mantinha funcionando bem. O designer, ao projetar objetos, deve preocupar-se com o usuário, com os sentimentos que os objetos podem evocar, com o papel relevante que os objetos assumem na vida das pessoas.

3.5.

O novo foco

A entrevista feita na sala de aula foi um divisor de águas — a partir de então, identifiquei importantes motivos para a mudança de foco de minha pesquisa.

3.5.1.

Como é bom lembrar do *primeiro!*

Os alunos não apenas demonstraram muito interesse em falar da experiência de terem usado algo pela primeira vez, como gostaram e se emocionaram ao fazer estes relatos. Os olhinhos brilhando e o sorriso nos lábios dos entrevistados ao contar suas experiências eram contagiantes, empolgantes e animadores. Algo me dizia ser este o caminho para o meu recorte: focar minha pesquisa nas experiências de uso de algo pela primeira vez, devido à grande quantidade e variedade de objetos usados pela primeira vez e, conseqüentemente, de sentimentos evocados pelos mesmos. Minha escolha foi motivada pelo nítido interesse das pessoas pelo tema desta pesquisa, pela espontaneidade e pelo prazer demonstrado por elas ao contar sobre suas experiências de terem usado algo pela primeira vez.

Comecei a perceber *o quanto era bom lembrar do primeiro*. Percebi também a quantidade de objetos que faziam parte do uso de algo pela primeira vez. Quando meus entrevistados ficavam com o olho brilhando, contando sobre alguma coisa que eles haviam usado e que era algo marcante em suas vidas, a emoção tomava conta e eles descreviam com detalhes suas experiências.

No decorrer das entrevistas, também foi surgindo um material valioso, proveniente de fontes inicialmente não-previstas ou planejadas. A mais interessante dentre elas foi a colaboração espontânea de pessoas que, ao saber sobre a realização deste estudo, passaram a enviar contribuições por e-mails e até fotos dos seus *primeiros*; quando nos encontrávamos, diziam ter lembrado da minha pesquisa e contavam-me alguma experiência relacionada ao tema. E o envolvimento das pessoas com os objetos que usaram pela primeira vez indicava o caminho rico que eu estava percorrendo. Um caminho cheio de grandes

descobertas para enriquecer esta pesquisa, fortalecendo cada vez mais sua importância para o design.

3.5.2.

Como o *primeiro* inclui as categorias do *novo*

A experiência de uso do primeiro é uma categoria mais ampla e pode incluir as categorias do novo.

O novo deixa de ser novo muito rápido. O novo pode deixar de ser novo, quando, por exemplo, rompemos dele o selo que o lacrava ou o tiramos da caixa, quando o usamos ou trocamos por outro objeto.

Já o primeiro ocupa *o lugar de primeiro* por muito mais tempo, ou talvez até para sempre, na vida e na memória das pessoas. A primeira experiência é muito marcante.

O primeiro já foi novo e ainda por cima inaugurou uma nova fase de vida. Enquanto há vários novos e o novo deixa de ser novo, o primeiro é sempre o primeiro.

3.5.3.

Como o *primeiro* é importante

A entrevista feita na sala de aula me fez perceber o grande número de objetos que são usados pela primeira vez e o quanto eles afetam nossas experiências. A entrevista me fez perceber, ainda e principalmente, como os designers participam dessas experiências, na medida em que são responsáveis pela criação dos objetos.

Entendi a importância e a relevância do primeiro na vida das pessoas e a riqueza destas informações para o campo do design. Decidi concentrar-me em entender a relação das pessoas com o *primeiro*.

A partir de então, meu foco passou a ser *a experiência de uso de algo pela primeira vez*.